

O Hospede da Noite de Natal

Conto de Selma Lagerlof

Ilustrações de Ivan Serpa



Há muito tempo, um grupo de boêmios e de artistas havia encontrado refúgio numa velha mansão da província de Varmland e, sob o nome de cavalheiros de Ekeby, viveram ali uma vida desentredada de divertimentos e aventuras.

Um deles chamava-se Ruster e era um jovem músico que tocava flauta.

De origem humilde, pobre, necessitando de um lar e de família, conheceu tempos muito duros quando aquele alegre bando se dispersou. Já não tinha cavalo, nem carros, nem peixe, nem um bom cesto carregado de provisões. E teve de ir a pé de casa em casa, com uma trouxa na mão, a roupa embrulhada num lenço, para melhor dissimular o estado do cojete e da camisa. Trazia toda a fortuna nas algibeiras: uma flauta desarmada, uma cabaça de aguardente e a pena de escrever.

Se os bons tempos não tivessem mudado, um copista de música como ele não teria mãos a medir, mas, aí a gente de Varmland se desinteressava cada vez mais das melodias e das lindas árias. Dependuravam nos celeiros as guitarras, com as suas fitas desbotadas, e as cravellas já gastas, bem como as buzinas de caça,

com as borlas meio desfiadas, e o pó amontoava-se em camadas espessas sobre a caixa dos violinos. E, à medida que a flauta e a pena de Ruster trabalhavam menos, a garrafa, que nunca o abandonava, trabalhava mais. Tornou-se um bêbedo incorrigível. Embora fosse recebido como um velho amigo, a sua chegada produzia uma certa contrariedade, e a sua saída alegria. Estava sempre cheirando a álcool, que saía de todos os poros, e, logo no segundo ponche, os olhos já turvos, entabulava as conversas mais desagradáveis: era o eterno pesadelo das casas hospitalares.

Dias antes do Natal chegara a Lofdala, onde vivia o grande violinista Liliérona, que fora também cavaleiro de Ekeby e um dos mais entusiastas daquela vida desregrada. Depois Liliérona voltara para junto da família, e nunca mais a deixou. Quando Ruster lhe apareceu pedindo trabalho, no meio de toda a azáfama para os preparativos da festa, Liliérona deu-lhe alguns trechos de música para copiar.

— Terias feito melhor se o tivesses deixado ir — disse-lhe a mulher: — vai prolongar o seu trabalho de tal forma que seremos obrigados a tê-lo conosco durante o Natal.

— Em alguma parte há de passá-lo — respondeu Liliérona.

E ofereceu de beber a Ruster, fazendo-lhe companhia e recordando os seus dias de boemia. No fundo, a convivência de Ruster incomodava-o um pouco e entristecia-o, mas nada queria dizer porque, para ele, as recordações de velhos amigos e os seus deveres hospitalares eram coisas sagradas.

Havia três semanas já que, na casa de Liliérona, se faziam preparativos para a festa do Natal; havia três semanas que tudo andava numa roda-viva, numa atividade febril. Os olhos já estavam vermelhos e cansados de fabricar tanta vela, as mãos geladas de tanto bater cerveja no lavadouro, e, lá em

baixo, na tenda das provisões, não se parava um instante de salgar carne e de fazer salsichas. Mas tanto os criados como a dona da casa suportavam, sem resmungar, aquele acréscimo de trabalho, porque sabiam que, linda a tarefa e chegada a noite santa, ia baixar do céu um suavíssimo encanto que abençoaria a todos: que as graças e os ditos alegres lhes saltariam naturalmente dos lábios, os pés iriam ganhar asas nas danças da terra e as antigas árias e as velhas modas esquecidas irromperiam dos recantos mais escuros da memória. E que alegres se sentiriam então!

Mas, quando viram chegar o jovem Ruster, tanto a dona da casa, como as criadas e as crianças, todos pensaram que ele lhes vinha estragar a noite de Natal.

A presença de Ruster pesava-lhes no coração. Receavam que Liliérona, ao impulso de lembranças revolidas, sentisse despetar a sua vocação não mais que o grande violinista, que outrora não podia estar muito tempo ao lado dos seus, se pedisse novamente para a família. E como se fizera amar naquele dois anos que tiveram a felicidade de o possuir! Davar-se a todos, era a alma da casa, sobretudo na Noite de Natal. Sentava-se então perto da lareira, não no sofá ou na cadeira de balanço, mas num grande banco, já polido pelo uso e pelos anos, umas vezes contando histórias, ou



O hospede da Noite de Natal

(Continuação da 5.ª pág.)



piam em lugar de arder; a lenha fumegava e, nas dependências da casa, penetravam golfadas de ar glacial. O criado que acompanhara Ruster, ainda não tinha regressado. A cozinheira chorava e as criadas brigavam umas com as outras. De repente, Liliécrona reparou que não tinham posto no pátio o molho de trigo para os pássaros e queixou-se amargamente daquelas mulheres, que esqueciam as tradições antigas e não tinham coração.

Mas todas compreenderam que, muito mais do que nos pássaros, era no jovem Ruster que ele pensava, arrependido de o ter deixado partir na Noite de Natal. Meteu-se no seu quarto, fechando a porta, e ouviram-no tocar no violino árias estranhas, como nos tempos passados, quando sentia a casa estreita demais para ele; árias cheias de provocação e de mofo, plena de torturante nostalgia.

A mulher pensava: "Amanhã ir-se-á embora, se Deus

não fizer um milagre esta noite. E aqui está como a nossa falta de hospitalidade produziu a desgraça que tanto queríamos evitar!"

Entretanto, o jovem Ruster corria sob a tempestade. Andou de porta em porta, pedindo trabalho, mas não foi recebido em parte alguma. Nem sequer o convidaram a descer do trenó. Uns tinham a casa cheia de convidados; outros tinham de passar a noite em casa de pessoas amigas. Poderiam suportá-lo durante alguns dias, em outras ocasiões, mas não numa noite de Natal. Em todo o ano não há senão uma e as crianças preparam-se desde o outono para a gozar. Como sentar aquele homem à mesma mesa que as crianças? E agora, que deu para beber, não sabiam onde alojá-lo. O quarto dos criados não era suficientemente bom para ele e o dos hóspedes era demasiado. E Ruster continuava o seu caminho, açoitado pelos turbilhões de neve. O bigode, molhado, caía-lhe tristemente e os olhos injetados já não viam; mas, pouco a pouco, os vapores da aguardente que tinha bebido, dissiparam-se.

Admirado do que lhe sucedia, começou por perguntar a si mesmo qual seria a razão disto. Seria possível que ninguém tivesse querido recebê-lo? E, de repente, viu-se a si mesmo; viu-se tal qual era; rebaixado, uma verdadeira ruína, um miserável, que ninguém acolhia de boa vontade.

— Acabou-se tudo — disse. — Nem música para copiar, nem árias de flauta! Ninguém

no mundo tem necessidade ou compaixão de Ruster.

As rajadas sucediam-se, levantando colunas de neve, que arrastavam para o meio dos campos, num rodopio vertiginoso. Depois, cessavam, e a neve, terminando a sua dança, tornava a cair, enchendo o vazão dos fossos.

— Assim é a vida — disse Ruster consigo. — Dança-se e, depois da dança, vem a queda. Somos um pobre floco que outros flocos vêm cobrir. Mas, quando chega o momento, então é que são as queixas e as lágrimas. Agora é a minha vez!

Não o preocupava saber para onde o criado o levava; para onde senão para a morte? O jovem Ruster não maldizia a flauta, nem a alegre boémia dos tempos passados; não pensava em que teria sido melhor para ele cultivar a terra ou trabalhar em peles para calçados. Todavia lamentava não ter sido até ali senão um instrumento usado, cuja alegria nunca mais deixaria de soar falso. Não acusava ninguém. Quando a corrente está partida e a guitarra rachada, a gente desfaz-se delas. Sentia-se muito ruim, muito só, inteiramente perdido, o frio e a fome matá-lo iam naquela noite de Natal.

O trenó deteve-se, viu luzes à sua volta e ouviu vozes carinhosas. Algumas pessoas ajudaram-no a entrar numa sala bem aquecida, e fizeram-lhe beber chá quente, ao mesmo tempo que lhe tiravam a peliça; e umas mãos rápidas

(Conclue na pág. 32)



Capital e Reserva, mais de Cr\$ 12.000.000,00

Séde: RIO DE JANEIRO

Rua da Assembléia, 72, 5.º pavimento

Sucursal: S. PAULO

Rua Barão de Paranapiacaba, 24 — 6.º andar

FOGO — TRANSPORTES — AUTOMOVEL — RESPONSABILIDADE CIVIL — AERONAUTICOS — ACIDENTES DE TRABALHO e ACIDENTES PESSOAIS



tras, executando música, no meio de toda a família atenta; pendente dos seus lábios e dos gestos, corria às aventuras mais loucas e galopava através do mundo até às estrelas. E a vida se fazia grande, formosa e rica perante a irradiação daquela alma. Amavam-no assim como se ama a noite de Natal, como se ama o sol e a primavera. Mas a presença do jovem Ruster vinha-lhes comprometer a festa. Todas as suas canseiras para nada serviriam se o espírito do dono se afastasse de casa. E, depois, quem podia olhar com calma para aquele bêbedo sentado à mesa no meio da família honrada e piedosa, cuja alegria ele estragava?

Na véspera de Natal, pela manhã, Ruster tinha acabado de copiar a música. Falou vagamente em partir, embora tivesse intenção de ficar. Sob a influência da má vontade geral,

Liliécrona respondeu, em termos também vagos, que talvez Ruster fizesse melhor em passar o Natal onde estava. Mas Ruster era orgulhoso e susceptível; retorceu os bigodes e sacudiu os cabelos que se lhe erguiam sobre a cabeça como uma nuvem negra. Que queria dizer Liliécrona? Acaso éle, Ruster, estaria incomodando? Em todas as casas de ferreiro da região o esperavam com a cama feita e o copo cheio. Tinha tanto trabalho e tantos convites que não sabia por onde começar.

— Muito bem, — disse-lhe Liliécrona — não te reterei.

Depois do almoço, o jovem Ruster pediu uma pelica e uma pele emprestadas, mandaram atrelar um trenó e recomendaram ao criado que devia conduzi-lo, que fustigasse bem o cavalo, porque ameaçava nevar.

Ninguém ali acreditava que

Ruster fôsse gostosamente recebido debaixo de qualquer teto; mas afastavam de si aquele pensamento desagradável, regozijando-se por se verem livres de tal personagem.

— Quis ir-se embora — diziam — ninguém o obrigou. E agora, alegremo-nos.

Todavia, quando, por volta das cinco horas, se reuniram em torno da árvore para dançar, Liliécrona, preocupado e taciturno, não se sentou sobre o escabelo maravilhoso nem tocou na tigela do ponche. Não se recordava da menor dança e o seu violino não estava afinado. Teriam de cantar e dançar sem éle. Então a mulher ficou inquieta e as crianças começaram a dar mostras de agitação. Tudo correu mal: o serão de Natal foi um fracasso completo. O arroz pegava-se ao fundo das caçarolas e as candeias espirravam e cus-

(Continua na pág. 30)

Uma enorme comissão de Artistas Plásticos, reunidos no Salão Nacional de Belas Artes está elaborando também um manifesto pela Paz.

* * *

A "Revista de Poesia", que com tanta simpatia está sendo editada em São Paulo, publicou em seu último número, 5 poemas de Anibal Machado.

Pela primeira vez, o grande escritor aparece com sua obra poética.

É dessa coletânea a "Ultima Carta de Pero Vaz", que Poty ilustrou especialmente para ESFERA.

O hospede da...

(Continua na pág. 24)

esfregavam-lhe os dedos enregelados e saudações de boas-vindas zuniam-lhe aos ouvidos. Sentiu-se tão atordoado que demorou pelo menos um quarto de hora a reconhecer que se encontrava em casa dos Liliécrona.

O criado, cansado de correr duma herdade para a outra, debaixo da tempestade, havia decidido regressar a casa.

Mas muito menos compreendia Ruster o acolhimento de que era alvo. Não ocorreu que a sua hospedeira, cheia de compaixão ante a idéia da triste viagem que havia feito e de que tôdas as portas se lhe tinham fechado naquela noite de festa, esquecera as suas próprias preocupações.

Liliécrona, sempre metido no seu quarto, desconhecendo o regresso de Ruster, continuava a tocar no violino a sua música louca e selvagem.

Ruter estava sentado na sala de jantar com as crianças. Os criados que costumavam sentar-se ali na noite de Natal, tinham ido para a cozinha como que em busca de um refúgio contra o aborrecimento que nessa noite se apossara dos seus ams. A mulher de Liliécrona aproximou-se de Ruster:

— Meu marido tocará durante toda a noite — disse e eu tenho de tratar da ceia. Os pequenos estão sós. Quer você, Ruster, tomar conta dos dois menores?

Ruter não estava habituado a lidar com crianças. Não as encontrava nem debaixo das tendas, nem nas estalagens, nem nas orgias, nem nos cami-

nhos da boemia. Sentia diante delas uma grande timidez e não sabia o que dizer-lhes. Sacou da flauta e deixava-os mexer nas chaves e nos buracos. O menor, que tinha quatro anos, e o maior, que tinha seis, receberam a sua primeira lição de flauta e mostrando-se vivamente interessados...

— Este é o dó — disse — e este, o ré.

E pegando numa folha de papel, desenhou as notas.

— Não, não! — exclamaram eles. — Não é assim que se escreve dó.

E correram para buscar o alfabeto.

Então Ruster fez-lhes perguntas acerca das letras. Sabiam umas, mas ignoravam outras. Seus conhecimentos não eram ainda muito extensos. Ruster, interessado no caso, sentou-os nos joelhos e julgou de seu dever completar-lhes a instrução. A mãe ia e vinha da cozinha para a sala de jantar, e escutava cheia de surpresa. Os pequenos riam, repetindo docilmente o abecedário. Mas, pouco a pouco, a atenção de Ruster fatigou-se, a alegria desvaneceu-se-lhe e as idéias, que se tinham agitado dentro dele sob a tempestade, vieram-lhe à mente. Sim, tudo aquilo era bom e encantador, mas passageiro; nem por isso deixara de estar menos acabado e morto. E, de repente, levou as mãos à cara e começou a chorar.

A mulher de Liliécrona acorreu solícita:

— Ruster — disse — compreendo o bem; você julga que já não tem nada a fazer no mundo. A música dá pouco e a aguardente arruína-o. Mas nem tudo está perdido.

— Oh, sim! — soluçou o jovem flautista.

— Vejamos: não seria melhor que você ensinasse as crianças a ler e a escrever? Ficar sentado junto delas como

nesta noite? E quem quisesse dedicar-se a essa tarefa, não seria bem recebido em toda parte? Não são as crianças instrumentos mais sensíveis do que a flauta e o violino? Olhe bem para elas, Ruster.

— Não me atrevo, — murmurou ele, porque lhe parecia doloroso contemplar as suas almas puras através dos seus formosos olhos.

A mulher de Liliécrona começou a rir, com um riso feliz e claro.

— Em breve se acostumará, Ruster. Este ano ficará em nossa casa como mestre-escola.

Liliécrona, que ouvira a risada, saiu do quarto.

— O que há?

— Não há nada — respondeu-lhe a mulher. — Foi Ruster que voltou e já o levei a comprometer-se a que ensinaria as crianças a ler e a escrever.

— Fizeste isso? — disse em voz baixa — fizeste isso? Mas, ele prometeu...?

— Não; não prometeu nada. Mas compreenderá que é preciso privar-se de muitas coisas, quando todos os dias a gente tem de encontrar-se com os olhos das crianças. Se não fôsse noite de Natal, talvez eu tivesse hesitado ou voltado atrás. Mas, quando Deus não reccou pôr o seu Filho, o seu próprio Filho, entre nós, pecadores, penso que posso dar aos meus filhos a ocasião de salvar uma alma.

Liliécrona não respondeu nada, mas todas as rugas do seu rosto distenderam e tremaram. Inclinou-se para a mulher, pegou-lhe na mão e beijou-a piedosamente.

Depois gritou:

— Meninos, venham todos aqui e beijem a mão de sua mamã.

E em casa de Liliécronaouve uma noite de Natal muito alegre e feliz.

A CAPITAL DOS M

MOBILIÁRIOS DE TODOS OS ES
GELADEIRAS E RADIOS DAS MELHOR

J. D. GOLDFELI

Avenida Presidente Vargas, 2109 — Telef

Avenida Presidente Vargas, 1925 — Telef

Rua Estacio de Sá, 121 — Telefone

VENDAS À VISTA E A PRAZO
RIO DE JANEIRO